

Paul Veyne, *Foucault O Pensamento a Pessoa*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009

Esta recensão foi motivada pelo nosso interesse acerca do diálogo entre História e Filosofia, promovido, neste caso concreto, preferencialmente, através do prisma da História da Historiografia. Um relance sobre os percursos intelectuais de Michel Foucault e Paul Veyne confirma, desde logo, a relação estabelecida por ambos entre as duas áreas de saber referidas, de modos distintos, mas complementares e significativos.

Paul-Marie Veyne nasceu em Aix-en-Provence no dia 13 de Junho de 1930. Uma vez terminado o ensino liceal, rumou a Paris para preparar a entrada na École Normale Supérieure. Entretanto, entrou no Partido Comunista Francês (do qual viria a desvincular-se, quatro anos depois) e frequentou com êxito a escola referida entre 1951 e 1955. Entre esta data e 1957 foi membro da escola francesa de Roma, ingressando em seguida na Universidade da sua terra Natal. No entanto, foi durante os anos 70 que Veyne escreveu alguns dos seus principais estudos, dos quais destacamos: *Comment on écrit l'histoire: essai d'épistémologie*, investigação publicada em 1971. Acresce que a obra agora em análise (dada à estampa em Paris no ano de 2008) pode, em nosso entender, ser interpretada à luz do breve itinerário exposto, ressaltando-se, por outro lado, a amizade com Michel Foucault, fruto da pertença à mesma geração (o autor de *As Palavras e as Coisas* nasceu em Poitiers, a 15 de Outubro de 1926), partilhando afinidades electivas, mas também algumas diferenças, convergindo ambos na necessidade de responder ao desafio historiográfico dos anos 70, consubstanciado num alegado *mal-estar* na história, assim designado por Vladimir López Alcañiz (num excelente estudo dado à estampa em 2013, no número inaugural da revista *História* 396).

As manifestações de Maio de 68 em Paris, tão decisivas para explicar este enquadramento, não devem, nem podem, ser isoladas de um contexto mais vasto. *A ordem do tempo* foi questionada, implicando alterações profundas (investigadas por diversos estudiosos, sendo de destacar, para o caso português, os trabalhos de Rui Bebiano, entre outros pesquisadores). Neste sentido, nos anos 70, a hegemonia da segunda geração dos *Annales* começou a ser contestada, nomeadamente o alegado peso conferido às estruturas braudelianas, subsumindo e subalternizando, no entender de alguns estudiosos, as conjunturas e, sobretudo, os acontecimentos. Ora, autores como Veyne ou Foucault ressaltavam o carácter único, singular e irrepitível dos factos, procurando trata-los como acontecimentos. Para Vladimir Alcañiz, Foucault, Veyne e Furet foram fundamentais para a mudança historiográfica na relação com o passado, preparada e encetada nos anos 60, mas continuada na década seguinte. O primeiro focou-se no peso da *contra-memória* face ao discurso oficial dominante; o segundo centrou-se na disciplina de história e o terceiro no conceito de *revolução*.

Em *Foucault O Pensamento a Pessoa*, Veyne reassume, de modo descomplexado, a influência do autor de *Arqueologia do saber* no seu percurso. Retoma as preocupações patentes em *Foucault Revolutionne L' Histoire*, de 1978, ampliando-as e alargando-as num certo sentido, mas divergindo o foco. Enquanto o texto mais antigo procura enfatizar a ruptura historiográfica recente, alegadamente protagonizada pelo autor de *Nietzsche, la genealogia de la história*, no segundo estudo, publicado em França nas edições Albin Michel em 2008, Veyne é um septuagenário que reflecte sobre a recepção dos trabalhos de Foucault ao longo de várias décadas, incorporando, de modo assistemático, vasta e densa diacronia e pronunciando-se sobre ela, num estilo bastante mais livre e solto, sem deixar de ser rigoroso.

Em nosso entender *Foucault O Pensamento a Pessoa* configura quase um diálogo com o amigo ausente e, sobretudo, de Veyne consigo mesmo. A situação complica-se se tivermos em consideração que *Foucault O Pensamento a Pessoa* nem sequer consubstancia exactamente uma biografia, pelo menos no sentido clássico do género biográfico, como o próprio Veyne concede, alertando para essa realidade. Daqui decorre a quase impossível tarefa de classificar *Foucault O*

Pensamento a Pessoa. Por um lado, relaciona-se com uma certa forma de aproximação de cariz biográfico sem ser uma biografia, por outro, não chega a constituir-se como um exercício efectivo ou explicitamente ego-histórico, mas assimila e subsume instrumentos analíticos provenientes de trabalhos anteriores.

Assim se compreende que *Foucault o Pensamento a Pessoa* possua características que têm vindo a ser tematizadas desde a publicação de *Comment on écrit l'histoire (...)*, onde os factos são tratados como acontecimentos, num plano epistemológico, que privilegia a vertente narrativa, assente na descrição de factos verosímeis. Essa descrição é materializada por um recurso narrativo (entre outros), a que se chama intriga. Aliás, concordamos com Hélio Rebelo Júnior, autor da única tese académica que conhecemos exclusivamente sobre Paul Veyne, dada à estampa em 2003, intitulada *Enredos de Clio Pensar e Escrever a História com Paul Veyne*, segundo a qual, apesar de passos anteriores nesse sentido, *Foucault revolutionne l'histoire* marcou uma revolução no pensamento de autor, ou pelo menos uma mudança sustentada, dado que efectivou a incorporação do conceito de *prática historiográfica*, de matriz foucaultiana. Esse conceito e a sua materialização estão bem presentes na releitura que constitui a obra *Foucault, O pensamento, a Pessoa*.

No entanto, na introdução, Veyne considera que o seu amigo não era um pensador estruturalista. «O *Foucaultismo* é, na verdade, uma antropologia empírica que tem a sua coerência e cuja originalidade reside em ser fundada sobre a crítica histórica» (p. 8-9). Em nosso entender, Veyne, em *Foucault o Pensamento a Pessoa*, e, de modos diferentes ao longo do seu percurso, partilha parcialmente do equilíbrio foucaultiano entre historicismo e relativismo e também põe em prática uma *antropologia empírica*, revelando-se um céptico (circunstância de que as ambiguidades que encontramos na classificação genológica deste seu livro dão conta).

Ao debruçar-se sobre Foucault, no primeiro capítulo da obra em análise, Veyne salvaguarda o discurso como formação histórica na sua *nudez* e *individualidade* (pp. 11-26). No segundo andamento, defende que *todo o a priori é histórico*, devendo evitar-se o entendimento do discurso como ideologia e *infra-estrutura*, não fazendo da história um processo anónimo e desesperante (pp. 27-41). No capítulo sobre o cepticismo de Foucault, Veyne sustenta que este preservava as singularidades empíricas, revelando-se sempre contrário às ideias gerais como fundadoras, ou enquanto origem de algo (pp. 43-58). No quarto e quinto andamentos, Veyne solidariza-se com a Arqueologia e noção de verdade foucaultianas, encarando-as como concretas, portadoras de historicidade, e não enquanto universais, essências ou substâncias (pp. 59-63, 65-70). No sexto capítulo, Veyne sublinha que Foucault considera que há no homem uma *positividade da errância*, colocando-se contra o alegadamente passivo *pastor do ser* heideggeriano e a mónada de Leibniz (o particular do Universal) (pp. 71-81). No sétimo andamento, Veyne refere-se ao programa de Foucault quanto as Ciências Físicas e Humanas, considerando que todas têm em comum a procura de verdades provisórias, dissipando quatro ilusões: a adequação, o universal, o racional e transcendental (pp. 83-97)), procurando, no *bloco* seguinte, uma história sociológica das verdades: saber, poder, e dispositivo (pp. 99-116). No nono capítulo, Veyne declara que Foucault tomara posição contra a pena de morte, defendendo que em política se deveria agir sem dissertar, revelando um cepticismo assente exclusivamente em convicções pessoais, muitas vezes negativas, das quais não se podia extrair conclusões positivas. Veyne discorda e afirma que tinha posições políticas muitas vezes diferentes das de Foucault, respeitando-se mutuamente (pp. 117-130). No derradeiro andamento, Veyne aborda a despersonalização foucaultiana do *eu interior*, na linha de Nietzsche e Blanchot.

A obra *Foucault O Pensamento a Pessoa* funciona parcialmente como testemunho de uma amizade, daí que constitua um depoimento. Veyne é muitas vezes observador participante, circunstância que torna a leitura aliciante. Todavia, embora Veyne desenvolva um estudo solidamente

documentado (mesmo sem inventariar as fontes de modo sistemático), nem sempre pormenoriza a confrontação do pensamento foucaultiano com o de outros autores.

Em trabalhos futuros, importa comparar o livro recenseado com biografias sobre Foucault, de James Miller (narrativa e de pendor literário sobre as paixões do autor), Jean-Marie Auzias (estudo bibliograficamente sólido, que ensaia conceptualizações) e sobretudo a de Didier Eribon (entre outras), obra de referência que cruza detalhada erudição com problematização. A bibliografia geral sobre Foucault é imensa e, em Portugal, uma breve selecção de teses doutorais, que corre o risco de esquecer alguns nomes, inclui os trabalhos de João Luís Câmara Leme sobre a *verdade* e Nuno Melim acerca da *linguagem*. Especificamente sobre Paul Veyne, existe uma recensão acerca de *Foucault O Pensamento a Pessoa* da autoria de Marie Christine Granjon (dada à estampa na *Revue Critique Internationale*, numero 45 de 2009), segundo a qual Veyne não enfatizou suficientemente o alegado *historicismo crítico* desmistificador de Foucault. Em Portugal, Francisco Azevedo Mendes, sem se circunscrever ao trabalho aqui recenseado, dedicou uma parte da sua dissertação doutoral ao historiador e filósofo francês e tem vindo a debruçar-se sobre este intelectual, aliando o rigor a uma interpretação sempre desafiante.

Nuno Bessa Moreira
CITCEM